

## Testemunhas e Memórias das Bombas atômicas de 1945 e Imigrantes japoneses em Santa Catarina

André Souza Martinello\*  
[andresoumar@yahoo.com.br](mailto:andresoumar@yahoo.com.br)

“Não te dizer o que eu penso  
Já é pensar em dizer  
Que o esforço pra lembrar  
É a vontade de esquecer...  
E isso por quê?  
Se as vidas atrás são parte de nós.”<sup>1</sup>

*Fica o que significa.* É o que já se disse a respeito da memória. Há sensações, lembranças e experiências que se guardam no mais profundo silêncio individual. Sendo ou não algumas lembranças possíveis de compartilhamento por um mesmo grupo, ou ainda vivência incrustada na mente de um só ser que nem em diários, agendas, relatos e memórias são descritas. *Traumas* podem ser carregados pelas pessoas, sem qualquer compartilhamento social. Dores e dificuldades ultrapassadas, podem ser escamoteadas (sublimadas?) de diferentes maneiras, ou simplesmente deixadas de lado no jogo do cotidiano. Algumas pessoas que estiverem presentes – próximas o suficiente para serem testemunhas e afastadas o suficiente para permanecerem vivas – das explosões de bombas no Japão em 1945, internalizaram durante longo tempo das suas vidas os acontecimentos daquele Japão em final de guerra. Ao longo do tempo, conseguiram compartilhar apenas também entres outras pessoas sobreviventes da experiência que, o historiador Jacques Le Goff (2003:14) denominou de: “[...] primeira encarnação histórica *objetiva* de um possível apocalipse [...]”.

Se na atualidade parece-nos normal e comum pais relatarem aos filhos parte das suas vivências na infância, juventude, maturidade... lembranças acompanhadas por seus temores passados, situações em que se ultrapassou as dificuldades, crises financeiras, adversidades familiares, essas mensagens de *experiências* de mães e pais aos filhos, filhas; ou mais ainda de avós aos netos, não vale como exemplo em se tratando de vítimas das bombas nucleares, caso de japoneses que migram para Frei Rogério, Santa Catarina. Relatos dos antepassados não parecem neutros acerca de suas histórias; os silêncios, temas e situações não descritas e

---

\* Pesquisa no âmbito do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental/LABIMHA da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Coordenador Dr. João Klug. Graduado em História pela UFSC, orientação de Dr. João Klug. Atualmente mestrando bolsista Capes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, no Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Desenvolvimento Rural/PGDR, orientado pela Dr<sup>a</sup> Renata Menasche. Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Catarina/UESC, orientado pela Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Nehls Dias.

<sup>1</sup> Trechos da letra de música/poesia de Rodrigo Arantes chamada: “O Vento”. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/loshermanos/> acesso em 14/05/2009, às 16:20.

“esquecidas” também não devem ser entendidas meramente como perdas cognitivas da capacidade natural ou biológica da memória, afinal, a memória é antes de tudo seletiva. Alguns silêncios falam mais do que muitas palavras. Como no caso da inexistência de falas por parte de casais japoneses aos seus filhos, ao não comentarem que eram eles próprios sobreviventes e testemunhas da Bomba Atômica.

Durante certo período na Colônia Ramos (comunidade japonesa criada no município de Curitiba, atualmente localizada em Frei Rogério), a Segunda-Guerra fora herança e lembrança *tabu*.<sup>2</sup> Após alguns anos da constatação de que na proximidade de outras pessoas, os sobreviventes não lhes transmitiriam doenças, nem cânceres ou deixariam marcas a terceiros (aqueles “outros” que não vivenciaram as explosões), o registro e a presença das pessoas e testemunhas da Guerra, fez-se visível na comunidade de maior número de imigrantes japoneses de Santa Catarina.

*Kazumi não perdeu nenhum parente, mas chorou a morte de 240 dos 360 colegas de classe. Ao longo dos anos, muitos japoneses morreram em decorrência dos ataques atômicos e crianças nasceram com defeitos físicos. Kazumi segue saudável, trabalha, caminha, é lúcido. Aos 78 anos, não apresenta seqüelas. Calcula-se que vivam no Brasil cem sobreviventes das bombas atômicas. Em Frei Rogério eram sete. Dois morreram de câncer, provavelmente pela radiação, dois estão no Japão para tratamento de saúde e três continuam na Colônia Celso Ramos.*<sup>3</sup>

Pode-se encontrar no Brasil, estudos e pesquisas acerca das memórias e de como vivenciaram a Segunda-Guerra os imigrantes estrangeiros que aqui haviam se fixados. O *Estado Novo*, a proibição de falar as línguas de origem ou exercer atividades sociais, culturais, políticas e econômicas que estivessem envolvidas de alguma maneira com a pátria de nascimento ou dos antepassados, são temas frequentes na historiografia sobre as experiências de imigrantes na Segunda Guerra, quando já estabelecidos em solo brasileiro antes de iniciar o conflito. Além dessa “recente tradição” em que se desenvolveu importantes pesquisas e análises daqueles que se tornam inimigos da circunstância da Guerra, pode-se dizer que muito já se compreendeu das dificuldades e perseguições vividas por aqueles que eram originados ou possuíam algum vínculo com os países do Eixo e que naquela circunstância o Brasil rompia relações diplomáticas.

A proposta desse trabalho além de apresentar como se modificaram ao longo do tempo as memórias e representações do final da Segunda-Guerra, mais particularmente, a memória

---

<sup>2</sup> Utiliza-se a expressão *tabu* para referir ao silêncio dos japoneses que vivenciaram o fim da Segunda Guerra Mundial.

<sup>3</sup> Jornal **Diário Catarinense**, Florianópolis. 2ªfeira, 18 de junho de 2007. Ano 22, nº7.729 p.05.

das Bombas, traz a problemática de como vivenciaram o conflito no país em que estavam, antes de imigrarem ao Brasil. Ou seja, quais as memórias e experiências das explosões atômicas, por aqueles que mais tarde iriam escolher o Brasil como nova nação de moradia? O que dizem (e viveram) os nipônicos a respeito do Japão, em final de guerra? Se no período getulista e do Estado Novo, há quem possa argumentar que os imigrantes que sofreram o processo de nacionalização tendem a se *vitimizar*, ou ampliar suas lembranças de sofrimentos em que passaram, como se referem aqueles na Segunda Guerra não estavam ainda no Brasil, mas em seus próprios países e somente após o conflito para cá migraram? É perceptível como os japoneses pouco falam ou referem-se de maneira pejorativa ou a se vitimizaram quando se referem às suas próprias vidas no Japão em Guerra ou no imediato pós-guerra. É como se em terra natal a vivência de Guerra implica em atuar junto de uma Nação ou de um Estado-Nacional, diferente de um estrangeiro fixado em outro Estado-Nação que não o seu e, ainda considerado inimigo de guerra pelo país em que se está vivendo.

O que nos motiva é a busca por entender quando se rompe a lógica local de evitar o tema das “Bombas no Japão” e os por quês do silêncio dessa história. Haja vista que acabou sendo incorporado, após longos silêncios “daquela época” dos acontecimentos em Hiroshima e Nagasaki, um forte símbolo da Colônia: o *Monumento Parque Sino da Paz*. Os medos dos migrantes que haviam sofrido a experiência em agosto de 1945, parece ter calado alguns, mesmo depois de tanto tempo afastados e de milhares de quilômetros distante do Japão. Quais as reações de muitos filhos, netos e gerações seguintes que receberam as informações de que seus pais, tios, tias... e demais parentes e ancestrais eram sobreviventes da Bomba Atômica? Muitas vezes essas informações do tempo passado acabaram, inclusive, por serem geralmente socializadas somente após longo tempo de convívio nas relações familiares, como nos foi apontado, em entrevistas e pesquisas de campo nos municípios de Frei Rogério e Curitibaanos.<sup>4</sup>

A construção do Parque Sino da Paz esteve em torno de disputas e conflitos na colônia, inclusive por posições não favoráveis ao que se tornou símbolo da comunidade, remetendo-nos a questionar o que levou uma lembrança *tabu* a ser elemento de mais forte identidade (mas também de diferença) e que se destaca na paisagem da comunidade agrícola. Quais as trajetórias, experiências e temporalidades, na condição de migrantes, daqueles que

---

<sup>4</sup> Foram realizadas entrevistas com imigrantes e visitas de observações em campo na Colônia Ramos em 29 e 30 de abril de 2006 e 15 de fevereiro de 2007.

motivados a edificar o Sino da Paz, e daqueles imigrantes japoneses contra<sup>5</sup> a imposição dessa possível lembrança, presença de um monumento, “emblema” do núcleo colonial? Não apenas destacando-se na paisagem, o Parque Sino da Paz pode ser entendido como um espaço que permitiu novas sociabilidades, lembranças e relatos. Um *lugar de memória*<sup>6</sup>, na expressão consagrada de Pierre Nora. Afinal, ali, muitas vezes em conversas e visitas os migrantes revelam e apresentam aos seus filhos e outros jovens, parcelas das suas concepções de mundo, vivências e experiências. Quais as rupturas nesses *tempos de esquecer e tempos de lembrar* e qual o papel de sobreviventes nessas condições?

Na Colônia Ramos, ainda na época da construção do “imenso pássaro” de 28 metros de altura, dois irmãos migrantes japoneses idealizadores do monumento inspirado no animal *tsuru*<sup>7</sup>, fariam do silêncio uma maneira de homenagear e lembrar o passado. A edificação do pássaro *tsuru* não voaria, mas fora construída pelos nipônicos com a intenção de permanecer ao longo do tempo às futuras gerações.<sup>8</sup> Em agosto de 2002 junto ao *tsuru*, os irmãos Kazumi Ogawa e Wataru Ogawa tocariam, com martelos de madeira em um Sino, como forma de expressar as recordações das mortes e dos sobreviventes das Bombas de Hiroshima e Nagasaki. Por que lembrar de um momento tão duro e difícil? Era o que parecia questionar um jornal de circulação estadual<sup>9</sup>. Talvez fosse mesmo preciso para alguns migrantes japoneses não apenas recordar, mas erguer o Parque Sino da Paz, cuja forma remete ao pássaro símbolo do Japão. O Sino ali localizado de 400 anos e 40 quilos, fora doado pelo governo japonês (cidade de Hiroshima), através da UNESCO, órgão da Organização das Nações Unidas – ONU.

Os dois senhores japoneses poderiam rememorar a destruição e os malefícios das Bombas Nucleares sobre populações civis, porém, mais do que regular e registrar no tempo,

---

<sup>5</sup> Paul E. Little (1994: 15) lembra que os símbolos e memórias acerca da Paisagem também podem gerar conflitos: “[...] um dos possíveis resultados da superposição de memórias é a construção de formas de coexistência pluralista ou confederacionalista. O conflito surge quando um grupo tenta tornar hegemônica sua reivindicação do espaço ou acredita, que sua memória coletiva seja mais legítima que a dos outros, graças a afirmação de maior “veracidade” de sua memória ou de sua presença histórica mais prolongada”.

<sup>6</sup> “Os *lugares de memória*”, expressão cunhada por Pierre Nora (1989), tem suas representações materiais os memoriais. São, assim, objetos cujos significados podem ser recriados e apropriados por instituições e grupos com motivações, práticas e interesses distintos e, por vezes, contraditórios”. CORRÊA (2005: 29).

<sup>7</sup> “É o Sino da Paz, uma estrutura com 28 metros de altura em forma de *tsuru*, pássaro nativo do Japão que representa a paz e a esperança”. Jornal **Diário Catarinense**, Florianópolis. 2ªfeira, 18 de junho de 2007. Ano 22, nº7.729, p05.

<sup>8</sup> No dizer da placa e da pedra fundamental do monumento: “O Parque do Sino da Paz é dedicado à lembrar as futuras gerações a realidade da destruição causada pela bomba atômica e transmitir juntamente com a comunidade brasileira a importância de assegurar a paz mundial”.

<sup>9</sup> Jornal **Diário Catarinense**. Florianópolis, 6ªfeira, 09 de agosto de 2002. Ano XVII, nº5964. No trecho do jornal p.22: “O ato, promovido pela comunidade japonesa de Frei Rogério, está marcado para as 11h02min, horário da explosão em Nagasaki. O silêncio será rompido apenas pelo toque do sino da paz, que foi doado pela cidade japonesa e tem quatro séculos. A cerimônia é triste, mas necessária”.

resolveram marcar o espaço. Apontar em calendários<sup>10</sup> a data desses eventos não bastava, os nipônicos, que atuam na agricultura das nectarinas e da pêra principalmente, buscaram apresentar à comunidade a qual pertencem mais do que seus cultivares e produção agrícola, fazendo destacar naquela paisagem rural o monumento considerado pela Paz. É na expressão “guerreiro da paz”, que um jornal<sup>11</sup> de 18 de junho de 2007 apresenta o idealizador do símbolo-monumento, o migrante Kazumi Ogawa.

Após a segunda metade do século XX, aproximadamente durante três décadas, moradores da Colônia Ramos (município de Frei Rogério – Região do Planalto Central catarinense) migrantes japoneses guardaram consigo lembranças de um final de Guerra. Não apenas registro presente nas memórias, pois alguns japoneses foram testemunhas e presenciaram a explosão das Bombas Atômicas no Japão. Contudo, desde a chegada desses imigrantes nipônicos ao Brasil, em fins da década de 1950 e início de 60, as vivências daquele tempo de final de guerra passaram a ser silenciadas. Não somente porque recordar as situações a que foram expostos parecia difícil, mas principalmente por se temer conseqüências dos contatos ou proximidades com a radiação nuclear que haviam vivido. O âmbito desse silêncio revela então uma preocupação com a saúde.

As lembranças e, mais particularmente a vivência e sobrevivência das explosões atômicas, configuravam-se para os próprios imigrantes, memórias que deveriam ser esquecidas?

A hipótese é que não. O aparente não comentário a respeito de serem sobreviventes das bombas, mesmo com seus filhos, deveu-se ao temor em relação ao futuro. À condição saudável da vida estava abalada pela proximidade da radioatividade; e as conseqüências daquele contato radioativo, mesmo algumas décadas pós-1945, ainda gerava incertezas e inseguranças de quais conseqüências poderiam acarretar e ocorrer devido as explosões do fim da Guerra. Foram os próprios destinos de muitas pessoas com saúdes debilitas e conjunto de pessoas que desenvolverem variadas doenças que nos levam a afirmar, que ser sobrevivente da Bomba Atômica até fins da década de 1970 era carregar consigo várias dúvidas em relação às suas próprias saúdes e das pessoas dos círculos e redes de contato social. Os possíveis traumas e sofrimentos da época das bombas lançadas pelos Estados Unidos sob o Japão, não significaram apenas sentimentos de um tempo que ia ao pouco ficando no passado; mas também o peso da angústia de ser sobrevivente que pode estar prestes a desenvolver

---

<sup>10</sup> “Como instrumentos sociais, os calendários possuem uma função reguladora”. (ELIAS, 1998:46).

<sup>11</sup> Jornal **Diário Catarinense**, Florianópolis. 2ªfeira, 18 de junho de 2007. op.cit.p.05.

consequências devido a proximidade daquela verdadeira Bomba. Alguns desse japoneses eram corpos<sup>12</sup> que possivelmente imaginavam carregar consigo resquícios das explosões.

Observando o Livro *O Caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos*, publicação organizada e escrita pelos migrantes da colônia japonesa de Frei Rogério, observa-se a periodicidade de visitas de médicos japoneses, como de profissionais brasileiros. Embora o livro não apresente *os por quês* dessa intensa presença dos profissionais da saúde, para realização de diferentes diagnósticos e exames, chama a atenção a constante e “itinerante” visita de médicos. Segundo a obra que relata a memória dos imigrantes, destaca-se em janeiro de 1966 (dois anos após a formação da Colônia japonesa), a “Visita do Dr.Hosoe de São Paulo, para consulta médica itinerante, fato que se repetiu todos os anos, até 1969”<sup>13</sup>. Em 18 de novembro de 1966, novamente o livro registrava a presença de médicos que realizariam exame em todos moradores do Núcleo Celso Ramos: “Visita dos professores da Universidade de Medicina de Nagasaki, Prof.Yasuda (futuro Reitor), Prof.Watanabe, Prof.Iwasaki, Prof.Yamanaka, Prof.Miyahara, para pesquisar as condições de vida e saúde dos imigrantes”<sup>14</sup>.

Uma primeira possível interpretação da presença de médicos e realização de exames poderia levar em conta a aparente preocupação, do governo japonês, em relação ao bem-estar geral dos migrantes estabelecidos na Colônia Ramos, principalmente pela característica da ação tutelada<sup>15</sup> que marcou a presença governamental do Japão, como os estudos acerca dessa etnia no Brasil vêm apontando, com destaque aos escritos de Célia Sakurai. Em outras palavras, mesmo com esses japoneses não mais residentes no Japão, o país acabava por auxiliar indiretamente e diretamente as constatações periódicas das saúdes dos indivíduos nipônicos, enviando médicos do Japão ou mesmo residentes no Brasil, como apresentou o livro comemorativo dos 40 anos da Colônia a respeito da consulta médica em 24 de julho de 1969, através da empresa colonizadora japonesa (JAMIC) que atuava no Brasil: “Consulta médica realizada através da JAMIC. Os médicos foram Dr.Moriguchi e Dr.Miura”<sup>16</sup>.

A presença de médicos e atendimentos nessa colônia possuía tal periodicidade que, no ano seguinte, novamente realizavam-se os exames gerais em: “31 de julho de 1970 – Consulta

---

<sup>12</sup> No roteiro e projeto do documentário “Hibakusha”, diz-se a respeito dos sobreviventes de 1945: [...]memória dessas vidas repletas de dor, sabedoria e esperança: as verdadeiras heranças atômicas”.

<sup>13</sup> OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko; YAMAMOTO, Kazunori (orgs). “**O caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos**”. Curitiba(SC): Associação Cultural - Brasil Japão de Núcleo Celso Ramos e Florianópolis(SC): Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina/IOESC, 2004. p.41.

<sup>14</sup> OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko; YAMAMOTO, Kazunori (orgs). Op.cit, p.42.

<sup>15</sup> “O governo japonês, por intermédio de seus diferentes ramos e agentes, participou explicitamente do processo de fixação desses imigrantes, para que ele ocorresse com sucesso” (SAKURAI, 2000:202).

<sup>16</sup> OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko; YAMAMOTO, Kazunori (orgs). Op.Cit,p.46.

médica promovida pela JAMIC. Os resultados foram: 44 pessoas (30%) apresentaram problemas de amidalite, 2 pessoas apresentaram anemia e 3 pessoas estavam contaminadas por agrotóxicos”<sup>17</sup>.

Em trabalhos de campo na Colônia Ramos, entrevistas com diferentes gerações de moradores e acompanhando notícias de jornais sobre aquele núcleo colonial, é possível perceber a constatação dos sobreviventes das Bombas Nucleares de 1945 somente à partir do fim da década de 1990.<sup>18</sup> Um dos paralelos a serem mais profundamente investigados e possíveis de tecer relações e levantar hipóteses é a observação da visita constante dos médicos e a presença dos imigrantes que vivenciaram o fim da guerra mundial no Japão, ou que, mais especificamente, entraram em contato com as Bombas Atômicas.

As visitas médicas pareciam vir carregadas de dúvidas, de como os destinos dos próprios migrantes japoneses, que haviam entrado em contato com bomba de 1945, eram incertos. Parece-nos que um dos principais motivos da elevada presença médica na Colônia, desde sua formação, deve-se à tentativa de entender e “mapear” as condições biológicas de todos os japoneses da localidade. Havia a possibilidade dos que entraram em contato com a radioatividade transmitirem aos demais japoneses e brasileiros algumas seqüelas? Ou “epidemias”? Talvez a resposta mais próxima da medicina da época fosse à não transmissão automática de qualquer vestígio das explosões de 1945. Contudo, a dúvida ainda permanecia, e controlar a saúde dessa população parecia objetivo fundamental das rotinas de exames. Será o temor de vestígios (que os “japoneses carregariam consigo”) de 1945, presente em imigrantes japoneses, a possível relação e afirmação das constantes visitas médicas? “Não se sabia se um japonês que tivesse vivido a experiência tão próxima da elevada radioatividade, poderia transmitir a outras pessoas algum problema, ou alguma conseqüência”<sup>19</sup>, informou Ademar Ogawa, um filho de migrante japonês sobrevivente de 1945.

Principalmente até a década de 1970 não havia indícios e respostas definitivas sobre o que uma pessoa sobrevivente da bomba atômica poderia “desenvolver” em si mesmo (no seu organismo biológico) ou em contatos com outras pessoas. Empiricamente observou-se pós-1945, no Japão, diversas conseqüências como a elevada presença de indivíduos com cânceres e crianças que nasciam com diversos problemas, como os jornais costumam lembrar ainda

---

<sup>17</sup> OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko; YAMAMOTO, Kazunori (orgas). Op.Cit, p.47.

<sup>18</sup> Entre investigações nos jornais das décadas de 1960 e 1970, em 1977 é feita uma primeira e rápida referência de um sobrevivente da Bomba Atômica residente na Colônia Ramos: “[...] japonês Kazumi Ogawa, sobrevivente da explosão atômica de Nagasaki e que hoje, aos 47 anos, é um de seus maiores líderes”. **Jornal O’Estado**. Florianópolis, 5ªfeira, 22 de setembro de 1977. nº18.826. p.06.

<sup>19</sup> Conversa informal com Ademar Ogawa, quando dos trabalhos de campo em Frei Rogério, em 15 de fevereiro de 2007.

hoje. Mas ao longo prazo, alguma doença ou conseqüência poderia ser transmissível nos contatos sociais? Sem uma resposta totalmente clara, as realidades vividas e enfrentadas em 1945 no Japão foram silenciadas até as pesquisas e observações médicas, definitivamente demonstrarem que as conseqüências à saúde estavam mais delimitadas àqueles que eram sobreviventes e que no simples contatos com outros, ou não sobreviventes da Bomba, não iria ocorrer à transmissão de possíveis “vestígios” por serem sobreviventes.

Frei Rogério na atualidade, e em especial a colônia japonesa, fora considerada localidade com concentração de idosos de idades avançadas, maturidade cronológica acompanhada junto de qualidade de vida. A Revista *Época*, por exemplo, fez uma reportagem com senhor Kazumi Ogawa e sua esposa Mariko Ogawa, apresentando-os como um casal exemplo da longevidade e qualidade de vida ali cultivada:



**'Planto de tudo, menos batatas, porque em minha horta não entra agrotóxico'**  
Mariko Ogawa, de 72 anos, ao lado do marido, Kazumi, de 76, servindo várias receitas de shiitake com chá verde.

Imagem 01: Casal Ogawa. Reportagem da Revista *Época*: “Como passar dos 100 anos?”.<sup>20</sup>

Não é por acaso que a presença de seis ou sete japoneses<sup>21</sup> sobreviventes da Bomba Atômica fora um tema tabu durante certo tempo na Colônia Ramos ou mesmo na mídia. Observando as páginas dos jornais na década de 1960 e 1970, por exemplo, nenhuma referência a esses migrantes está presente até o ano de 1977. No livro *O Caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos* também as referências quando aparecem são indiretas, como por exemplo: “dois moradores retornaram ao Japão para tratamento de câncer”<sup>22</sup>. Seriam esses também sobreviventes das bombas de 1945? O silêncio a respeito do tema não é identificado apenas nas publicações como jornais ou no livro da história da colônia, mas também nas próprias relações e convívio cotidiano. Alguns filhos de migrantes (portanto, primeira geração), somente ficaram sabendo parte do passado dos seus pais, avós e outros familiares e amigos após a década de 1990, quando a medicina ou as próprias experiências dos migrantes

<sup>20</sup> Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG73430-5990,00.html> acesso 22/09/2007, às 13:15. Título da reportagem: “Como passar dos 100. Já há quase 25 mil centenários no Brasil. Qual segredo deles?”.

<sup>21</sup> O jornal *Diário Catarinense* publicou que havia um grupo de japoneses sobreviventes das Bombas Atômicas composto por 142 pessoas, sendo que: “de 142 sobrevivente, do total de 200 que migraram para o Brasil em busca de uma nova vida”. Jornal *DC Florianópolis*, sábado 06 de agosto de 2005. Ano XX, nº7052. p.04. Os números de imigrantes em Frei Rogério que viveram a época da bomba atômica é contraditório, alguns jornais apontam sete e outros seis.

<sup>22</sup> OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko; YAMAMOTO, Kazunori (orgs). Op.Cit, p.48.



pareciam reconhecer a inexistência de perigo de transmissão de uma possível radioatividade ou qualquer outro “mal” ou doença. O que levou alguns pais e casais, guardarem em segredos ou não compartilharem com filhos e filhas suas trajetórias pré-migratórias, como aquelas de agosto de 1945 está envolta de *inseguranças e temores*.

É bom lembrar que contrariamente, o medo do passado e das possíveis conseqüências “das Bombas” poderiam também ser os mais individuais e inconfessos sentimentos, mas cabe aqui reforçar que se reverteu os silêncios de uma memória e de vivências, reconstruindo, re-significando e mesmo valorizando um outro tempo, que mesmo passado permanecia e significava. Nesse contexto de retomada de “uma nova memória” é que a paisagem do Núcleo Celso Ramos passa a ser “palco, mas também atriz” de outras sociabilidades. Assim, relacionado às trajetórias e ações dos imigrantes na Colônia Ramos nos tempos de esquecer e tempos de lembrar tem-se, “resumidamente, [que] toda mudança no *espaço* é uma mudança no *tempo*, e toda mudança no *tempo* é uma mudança no *espaço*”. (ELIAS, 1998:81).

Quando da pesquisa sobre o histórico do Sino da Paz no município de Frei Rogério, o migrante Kazumi Ogawa comentou com sua fala japonesa, que ainda na época em que morava em Santa Maria (RS), quando sua esposa estava prestes a ter o primeiro filho, Ogawa dirigiu-se com ela ao hospital com certo transtorno, medo e agonia. Segundo o migrante japonês, sua principal consternação na gravidez da esposa e anterior ao momento do parto, era o temor do filho nascer sem membros, sem algum braço, sem pernas, ou acéfalo... situações que haviam sido comuns no Japão pós-agosto de 1945, e observadas e vividas pelo próprio Ogawa.<sup>23</sup> Além dos relatos do migrante naquele momento, pode-se observar também a emoção do filho Ademar, que após realizar a tradução para o português dos ditos de seu pai, teceu o seguinte comentário: “Isso que meu pai falou agora, do medo de como eu iria nascer é a primeira vez que ele comenta, eu não sabia desse temor dele. Por isso esse Sino é fabuloso, resgata a nossa trajetória e algumas experiências das nossas vidas”.<sup>24</sup> Como afirmou o filho de Kazumi Ogawa, aquele monumento construído pelo seu pai acabava por não apenas retratar a memória dos sobreviventes da guerra, mas também servir como um espaço para lembrar um tempo e possibilitar trocas de experiências pelas diferentes gerações.

---

<sup>23</sup> Também segundo relatou o jornal o **Diário Catarinense**, “Às 11h22 min, ele ouviu uma forte explosão e viu um enorme clarão no céu. Ficou assustado e foi em direção ao fogo. À medida que corria, encontrava pessoas feridas, mortas e dilaceradas. O intenso calor levou muitas pessoas a um rio nas proximidades. Praticamente todas morreram por causa da poeira radioativa que contaminou a água.

Kazumi estava a oito quilômetros do local da explosão, e foi considerado uma vítima de primeira grau, devido à radiação. Mas escapou com vida. No entanto, 74 mil pessoas perderam a vida instantaneamente e outras 75 mil ficaram feridas. Apenas 50 mil saíram ilesas”.

<sup>24</sup> Conversa informal com Ademar Ogawa, quando dos trabalhos de campo em Frei Rogério, em 15 de fevereiro de 2007.

Isso pode significar em última instância que ao mesmo tempo que a Paisagem pode refletir e ser resultado das relações das pessoas entre si e das interações dos indivíduos com seus meios, o espaço construído e marcado pela ação humana também permite novas sociabilidades. Se viver e sobreviver aos transtornos no Japão pós Bomba Atômica era além de desconfortável e doloroso, pareceu ser também particularmente penoso silenciar e carregar nas memórias uma lembrança que durante certo tempo não deveria ser silenciada. Para fazer falar de uma situação difícil, edificou-se em formato de um pássaro símbolo do Japão, uma construção que além do Sino da Paz, possibilita trocas entre gerações e facilita outras comunicações. Além de registrar e lembrar a todos que ali passam, que um dia alguém vivenciou conseqüências do fim da 2ª guerra mundial, e nela radiações e bombas que caíam em suas cabeças.

### **Referências**

CORREA, Roberto Lobato. “Monumentos, política e espaço” In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (organizadores). Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005.

ELIAS, Norbert. Sobre o Tempo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Trad Bernardo Leitão [et al]. 5ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LITTLE, Paul E. “Espaço, memória e migração: por uma teoria da reterritorialização”. In: Textos de História. Brasília: editora da UNB, vol2, 1994.

SAKURAI, Célia. “Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941)”. In: FAUSTO, Boris (org). “Fazer América” 2ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. pp.201-238.